

Escuta amorosa no manejo da Transferência

Angela Coutinho

A Psicanálise é uma prática teorizada, uma práxis. Poderíamos dizer que a teoria sem prática é uma abstração vazia e a prática sem a teoria puro empirismo. A teoria tem uma estrutura de ficção, referindo-se a um saber contingente que é submetido à corroboração da prática. A prática clínica é soberana e sempre excede a teoria. Este é o paradoxo que enfrentamos em nossa prática do dia-a-dia.

No início, Freud foi surpreendido por fatos clínicos que não poderiam ser explicados pelo modelo médico da época, daí ele ter construído um modelo teórico original, inaugurando um novo campo de conhecimento, a psicanálise. Freud inventou um método singular de escuta, a escuta psicanalítica. Ao longo de sua trajetória, ele foi re-inventando a teoria, em função de novos fatos clínicos que o levaram a repensá-la.

Há uma interlocução permanente entre a prática e a teoria. A teoria é condição de possibilidade para a escuta analítica, mas, ao mesmo tempo, os dados clínicos podem levar a mudanças teóricas.

Pensamos a experiência clínica em duas dimensões: análise pessoal do analista e sua prática clínica. A influência da análise pessoal é crucial para a apreensão e questionamento da própria estrutura da situação analítica, a partir do ponto de vista do analisando.

Na minha experiência clínica há uma questão que sempre acompanhou minhas interrogações: o que faz uma análise funcionar, isto é, produzir efeitos na realidade?

Sabemos que a psicanálise funciona, mas o que a faz funcionar é sempre um enigma. Ao longo da minha caminhada fui encontrando diferentes saídas para solucionar tal enigma.

Na década de 70, atendi meu primeiro paciente e aprendi com ele que a transferência como falsa conexão é apenas uma parte do que acontece durante um processo analítico; há algo de novo - criativo - durante cada encontro clínico. O objetivo de uma análise não é apenas a dissolução da transferência como falsa conexão, mas também a criação de

algo novo, que engendra uma mudança de posição subjetiva em relação ao outro.

Em meus estudos, descobri que, antes mesmo de abordar a questão da transferência, Freud havia falado sobre o relacionamento real analista-analisando como fator de êxito no processo analítico. Depois é que ele descobre a transferência, em princípio como obstáculo, depois como instrumento. O que não anula o que ele havia falado antes sobre o relacionamento real como fator de êxito. Na própria obra de Freud, encontrei a base para sustentar meu argumento, advindo da clínica.

Em 1912, ele afirmou que existe um componente da transferência positiva, que não implica em resistência, isto é, falsa-conexão. Este componente é uma relação amistosa como fator de êxito que precisa ser mantida até o final do processo. Aqui este componente faz parte da transferência enquanto que em 1937 Freud considera este bom relacionamento que deve ser mantido durante e depois da análise, como não fazendo parte da transferência.

O produto deste diálogo entre teoria e prática foi minha dissertação de mestrado intitulada: "Transferência e relação real no processo psicoterápico: os fenômenos clínicos e uma tentativa de explicação metapsicológica." (1976)

Na década de 80, ao concluir a formação psicanalítica na SPID, escrevi um trabalho sobre uma situação clínica que eu acompanhei ao longo de sete anos e cujas sessões foram escritas. O trabalho envolveu uma revisão, uma nova perspectiva sobre o manejo desta análise, uma vez que em função de novos estudos, novas influências teóricas e práticas mas sobretudo por causa da minha análise pessoal eu não estava mais identificada com a maneira como eu havia conduzido este processo. Apesar disso, pude constatar que houve análise, isto é, a análise funcionou, produziu efeitos importantes, apesar de ter sido realizada dentro de uma abordagem que eu estava começando a questionar.

A partir desta experiência, minha questão inicial se desdobrou: o que faz uma análise funcionar, independente da abordagem teórica? O que conecta, o que liga os analistas, já que algumas perspectivas são incompatíveis entre si? Penso que a diversidade de linhas teóricas em Psicanálise é consequência da interpretação polissêmica de conceitos psicanalíticos, fruto de matrizes contextuais diferentes : matriz socio

política, teórico/clínica, e a análise pessoal.

Sabemos que o inconsciente é a pedra angular da psicanálise, contudo, não é o conceito de inconsciente que une os analistas, pois há maneiras diferentes e incompatíveis de concebê-lo. Qual seria o efeito dessa polissemia nas respectivas práticas?

Com essas questões em mente, ingressei no programa de Doutorado, no final dos anos 80.

Nos anos 90, um achado clínico levou-me a investigar a noção de sedução na literatura e no campo da psicanálise.

A palavra sedução vem do latim e significa etimologicamente *seducere*, isto é, impedir, separar, desviar para o lado. Nesta direção, tomei a ideia de sedução como princípio disjuntivo, subversivo.

Foucault, independente de sua interlocução com a psicanálise, exerceu grande influência sobre meus estudos, apesar dele nunca ter se debruçado sobre a questão da sedução. Só vi uma única menção feita por ele à figura de Don Juan, dizendo que não é a toa, que este mito persiste, ao longo dos séculos. Porque Don Juan rompe, ao mesmo tempo com a regra das alianças e com a ordem do desejo. Foucault me fez olhar a psicanálise por uma janela, desde fora. Fui marcada por sua concepção de história, poder, saber, resistência, limite, transgressão, processo de subjetivação, prática de si e estética da existência, isto é, a maneira como estamos constantemente nos reinventando como uma obra de arte.

Para pensar a psicanálise como uma prática transgressiva, a contribuição de Foucault tornou-se crucial. Sua influência foi decisiva para eu repensar o processo psicanalítico como uma forma de questionar a submissão do sujeito ao Outro, onde a resistência como potência, no sentido foucaultiano, tem um papel fundamental.

Desse modo, eu me perguntei se seria viável pensar a função do analista relacionada à ideia de sedução como princípio disjuntivo. Função sedutora no sentido de provocar movimento, desconstruir, fazendo diferença, isto é, rompendo com o que está petrificado, estagnado. Sedução, aqui, não é conduzir para um fim específico, mas desviar de um rota pre-traçada, alienada, que impede o sujeito do exercício de um viver criativo.

O produto desta pesquisa foi minha tese de doutorado: “Psicanalista,

uma função sedutora?” (1994)

Na primeira década do século 21, a questão do amor, como um poço de contradições, se impôs para relançar a questão: o que faz uma análise funcionar, produzir efeitos na realidade? Será o amor a peça-chave?

Freud, ao abordar a natureza das relações emocionais entre os homens em geral, utiliza o famoso símile de Schopenhauer dos porcos-espinhos que para se protegerem do frio se aproximavam uns dos outros. Contudo, nenhum deles poderia tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo, sob o risco de se espetarem. E também não poderiam se afastar demais sob o risco de congelarem. Precisaram descobrir uma distância ótima, na qual poderiam mais toleravelmente coexistir.

Do mesmo modo são as relações amorosas, nem tão próximas nem tão distantes. O amor a si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, isto é, o laço libidinal com outras pessoas. Só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo.

Freud afirma que Eros mantém todas as coisas ligadas. Eros é tradução de *liebe*-amor, uma energia mais intensiva do que quantitativa.

Lacan, por sua vez, situa o amor entre o imaginário e o simbólico. Por sua dupla face, o amor pode ser focado ora numa dimensão, ora na outra. Podemos dizer que não há dois tipos de amor, mas duas faces distintas: na dimensão imaginária há o amor narcísico, a ilusão de uma relação dual, na qual dois querem se tornar um, tamponando o desejo, a falta. O amor, nesta dimensão, se opõe ao confronto com a condição desejante, isto é, com a falta inerente ao humano.

Na dimensão simbólica temos a outra face do amor, amor como dom, como objeto de dom, que engendra o desejo. Como dom, vai além da captação imaginária, implicando no confronto com a diferença.

O dom é tomado, aqui, como símbolo do amor. O dom envolve o ciclo de trocas. O dom vai além da relação de objeto, uma vez que pressupõe estar por trás de cada troca na qual o sujeito entra. O amor em sua face simbólica é colocado como referência e pressupõe uma não-satisfação. Contra um fundo de ausência há uma presença. O dom, como pura presença, evidencia a ausência.

A relação corpo-a-corpo entre mãe e bebê envolve os cuidados maternos mas isto não deve ser confundido com o amor como dom. Ao mesmo tempo que há esse corpo-a-corpo narcísico, a mãe se apresenta como matriz simbólica para a criança, ao se alternar entre presença e ausência. Além disso, há a introdução de um terceiro nesta díade. O amor vem de uma idealização narcísica, mas depois se despe desse envelope adesivo materno.

A mãe amorosa, na dimensão simbólica do amor, é alguém que tem um objeto de desejo, e além dele, um Outro. Ela ama a criança, através do Outro. É pela fala da mãe a uma terceira pessoa que seu amor pela criança é demonstrado. A introdução de um terceiro presentifica a falta, pois demonstra que a criança não é o centro do universo materno e institui a mãe e a criança como seres desejantes. Para que o sujeito se constitua, é imprescindível a transmissão dessa falta estrutural. É fundamental, aqui, escutar as demandas da criança como uma tentativa de veicular um desejo ainda incipiente e responder a elas com um símbolo do amor, como um reconhecimento desse desejo. Aqui aparece o amor como dom. A falta e o dom são o motor do funcionamento psíquico.

As demandas insistentes das crianças demonstram que não é o objeto real de que se trata; o que se demanda é sempre o símbolo do amor, objeto de dom. Para um objeto ser símbolo do amor, deve estar necessariamente relacionado à falta. As vezes a maneira de apaziguar a angústia provocada pela falta é o dom da palavra. Mesmo que sua demanda não seja atendida, seu desejo é reconhecido.

Estas duas faces do amor – na contramão do desejo, por um lado, e como reconhecimento do desejo, por outro - estão presentes na situação analítica. A psicanálise é uma experiência amorosa. De fato, na análise só se fala de amor, de amor e seus impasses. Os efeitos do Inconsciente se manifestam, acima de tudo, no amor. A maioria dos debates sobre a prática psicanalítica é acerca da transferência, que pode ser traduzida por amor.

No início da minha prática, na década de 70, eu já havia identificado, nos textos freudianos, a importância do relacionamento amistoso/amoroso entre analista e analisando para além da transferência como resistência. Curiosamente, mais de trinta anos depois, esse tema volta a fazer parte do meu questionamento.

É um direito do analisando chegar à análise com uma demanda de

amor, em busca de completude – de dois querer fazer um. "Eu tenho o que pode te completar!" é a promessa transferencial, a sedução transferencial. Neste caso, o amor está em oposição ao desejo, amor de transferencia em sua face de resistencia, que visa manter a alienação de si mesmo. Este amor implica a negação da diferença. É um amor narcísico, a dimensão imaginária do amor. A transferencia implica numa demanda de amor, isto é, numa tentativa de ligação ao outro em busca da unidade perdida, para evitar o confronto com a condição desejante e, assim, evitar o sofrimento que tal contato geraria. O analisando tem "direito à legítima defesa." O que significa isto?

Significa que uma análise só pode funcionar tendo como premissa o respeito pela pessoa, incluindo aí seu direito à legítima defesa. Os caminhos que percorreu foram os possíveis e economicamente os mais eficazes contra a angústia, dentro de sua lógica própria. É acolhendo o discurso do analisando - e seu percurso - que se torna viável acompanhá-lo em sua trajetória, buscando junto com ele as suas razões. Só assim elas poderão cair por si só, sem que haja uma intervenção pedagógica por parte do analista. O analista não luta contra a resistencia.

Contudo, respeitar não é ser conivente, não é alimentar a resistência. Respeitar é não supor, no sujeito, uma má vontade fundamental. É ter a paciência de acompanhar passo a passo sua trajetória, em seus tropeços, até que de quando em quando surja um efeito de sujeito. Pela escuta do discurso se evidencia o sujeito em sua divisão. A escuta do analista se dirige ao que insiste em se presentificar, embora cifrado.

Freud nos ensina que não se deve atender a demanda de amor, nem dizer que é um equívoco. Trata-se de um amor autêntico, e tem a mesma substância que qualquer amor. É a vida humana em sua dimensão passional, em sua dimensão imaginária. Ao mesmo tempo, toda demanda de amor veicula o desejo que quer ser reconhecido, isto é, toda demanda de amor aponta também a dimensão simbólica.

O analista não vai se tornar cúmplice desta disposição para o amor apaixonado, mas vai usar o simbólico para decifrar suas formas imaginárias.

O analisando cristaliza o simbólico, fixando-o. O analista, por sua vez, com sua intervenção, torna o imaginário mais flexível, simbolizando - o.

O título deste trabalho é a escuta amorosa no manejo da transferência. Eu me referi a uma face do amor como dom que é a dimensão simbólica do amor. A escuta amorosa do analista pressupõe esta dimensão simbólica e funciona como um pilar que permite a decifração e a desconstrução da faceta imaginária do amor de transferência.

Através da escuta amorosa, o analista se volta para o analisando como alteridade. É uma escuta empática. Neste caso, o amor é colocado mais além da relação de objeto, onde, primeiro, há uma renúncia ao objeto. Desapego também é uma forma de amor. O analista não visa o analisando como objeto de amor e sim visa a apreensão da diferença, inclinar-se para o analisando como pura diferença. Amamos nosso analisando, ou melhor, para além do analisando como objeto, nos inclinamos para a sua particularidade, para a sua condição desejante.

Por que chamamos esta escuta de amorosa? É amorosa, no sentido de afinada com este universo inconsciente familiar/estranho que aparece e escapa num piscar de olhos. É amorosa no sentido de inclinada para o outro, debruçada sobre seus nós e desenlaces, respeitando seu direito à legítima defesa. É amorosa por esta suposição de saber no analisando que o liga a transferência, que o faz se sentir valendo a pena. Tudo o que ele disser será bem vindo, por mais fora de qualquer modelo que seja. É amorosa pela renúncia ao referencial do analista, inclinando-se ao referencial do analisando.

O analista dá crédito ao analisando como sujeito suposto saber. Ele supõe um saber no analisando. Saber que não é sabido, um saber que o analisando sabe sem saber que sabe. Saber que vai ser reconstruído ao longo da análise. Quem fala e fala com quem? Em uma análise é preciso saber quem está falando e para quem e, desse modo, torna-se possível desvendarmos os personagens que habitam o universo fantasmático do analisando.

O que torna essa escuta amorosa possível? O analista tem um preço a pagar, abrindo mão do próprio referencial: o mais íntimo de si, seus valores, costumes e até mesmo a teoria que é mantida em "reserva de uso". Toda teoria tem um estatuto de ficção, ela é usada se funciona; caso contrário, o analista muda de teoria ou modifica a teoria. Se o analisando não cabe no nosso divã não cortamos o pé do analisando mas mudamos de divã. A prática clínica é soberana. É preciso manter a teoria em reserva de uso para que esta não interfira em demasia na escuta do novo, do que

possa vir a surpreender a própria teoria. O novo em mim e no outro. O encontro engendra o novo, sempre. O outro é um novo para mim e vice versa.

Ter como meta a renúncia do próprio narcisismo do analista é a condição de possibilidade para haver escuta amorosa, abdicando de desejar o analisando como um objeto amoroso ou querer ser amado por ele.

Dissemos que a psicanálise é uma experiência amorosa, amorosa em todos os sentidos. Há um campo de afetação mútua entre analista e analisando. Como fazer a análise avançar no, pelo e apesar deste campo de afetação? Como vivenciar a intensidade deste encontro e ao mesmo tempo responder enquanto analista?

Para isto ser possível é preciso um árduo trabalho do analista consigo próprio. Um trabalho de tensão permanente, de atenção permanente à afetação mútua e seus tropeços, inerentes ao encontro analítico.

A análise pessoal do analista é a condição "sine qua non" para tornar viável uma escuta amorosa. Na nossa análise pessoal, somos atravessados pela experiência do inconsciente - um saber que não se sabe - e ficamos marcados por ela. Marcados pelo atravessamento por este universo insondável mas ao mesmo tempo visível a olho nu, universo misterioso mas transparente a uma escuta amorosa. A transmissão dessa escuta amorosa, em nossa própria análise é o que nos permite aceder à condição de analista e poder contar com esse instrumento. O tornar-se analista depende dessa transmissão em que o reconhecimento do desejo funciona como símbolo de amor.